

A SAGA DE LANDELL DE MOURA

Rodrigues Till

Ao permanecer três meses nos Estados Unidos, em 1876, D. Pedro II contribuiu de forma decisiva para celebrar, na ocasião, um jovem professor de crianças excepcionais que se dedicava a experiências científicas nas horas vagas. Graças à decantada bisbilhoteira imperial e a seu não menos propalado amor às ciências é que ocorreu um fato marcante na histórica Exposição de Filadélfia. O nosso Imperador, de um momento para outro, fez quebrar o gelo que cercava, por parte dos organizadores e dos jurados da mostra, o invento de Alexandre Graham Bell.

Um de seus mais autorizados biógrafos, Heitor Lyra, descreve o episódio, pondo em relevo a súbita notoriedade conquistada por aquele inventor que lá estava quase no anonimato: “Chamou para ele, calorosamente, a atenção dos jurados da Exposição, arvorando-se no maior propagandista do novo aparelho. Conseguiu, assim, tirar da obscuridade o jovem Bell, que ele conhecera pouco antes modesto e desconhecido professor numa escola de surdos-mudos de Boston, e torná-lo quase uma celebridade nos Estados Unidos” (*História de Dom Pedro II*, 1939, v.2, p. 375).

Mary W. Williams, autora de *Dom Pedro, The Magnanimous* (1937), salientou, por sua vez, que “o telefone ficou sendo uma das sensações, e, quando ele se tornou um objeto de comércio, o Imperador foi dos primeiros a utilizá-lo na prática”, isto é, a primeira linha telefônica instalada no Brasil o foi no Paço Imperial em 1880, fazendo com que a novidade servisse diretamente aos caprichos do Mecenas Coroado por sua comunicação com os íntimos do círculo palaciano.

Pedro Calmon acrescenta um pormenor curioso à narração do acontecimento, quando D. Pedro deu um golpe publicitário de mestre, em alto estilo, para embasbacar a comitiva que o acompanhava. Diz o consagrado historiador: “Convidado a experimentar o aparelho, recitou, e foi ouvido a quinhentos passos, palavras de Shakespeare. Logo uma multidão rodeou o estranho homem, até então desprezado. O reclame imperial foi-lhe a fortuna. Graham Bell acabava de dar à humanidade o telefone” (*O Rei Filósofo* 2ª ed., 1975, p. 212).

Por aqueles idos do sucesso retumbante de Alexandre Graham Bell (1847/1922), escocês emigrado para a América, um menino porto-alegrense iniciava sua carreira sacerdotal no Colégio dos Jesuítas, em São Leopoldo. Não teria a mesma fortuna daquele professor de

surdos-mudos, mas lhe estava reservado, igualmente, um destino cheio de pioneirismo e de flama inventiva. Nasceria Roberto Landell de Moura a 21 de janeiro de 1861 e em 1879 seguiria para o Velho Mundo, terra de seus ancestrais pelo lado materno. Aliás, Roberto Landell foi o primeiro inglês com esse nome a pisar o solo brasileiro em princípios do século passado (V. **Registro de Estrangeiros, 1823/1830**).

Ordenando-se em 1886, após cursar filosofia e teologia no Colégio Pio Latino-Americano, assim como física e química na Universidade Gregoriana de Roma, o padre Landell de Moura retornou ao Brasil. Lecionou, a partir do ano seguinte, história universal do Seminário Diocesano de Porto Alegre. Aos trinta anos recebeu missão pastoral para o interior do Estado, naquela paróquia onde pontificara até então a sabedoria de outro sacerdote de escol: o Cônego João Pedro Gay. Não se demorou, porém, em Uruguaiana e já em 1892 era transferido para São Paulo, onde exerceria funções eclesiásticas em várias cidades. Entre estas estava Santos, berço daquele vulto de porte universal, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, imortalizado em meio à glória e à desdita como o **Padre Voador**.

Seria Roberto Landell de Moura mais um gaúcho a galgar áspera ascensão no cenário nacional fora do campo de batalha ou da escalada política ?

(...) Se Graham Bell se notabilizara por criar um “telefone com fio”, prioridade que lhe seria contestada até na Corte Suprema americana, o gaúcho Landell de Moura lá mesmo nos **States**, onde trabalhou durante três anos em suas experiências, concluiu e patenteou três de seus inventos: o telefone sem fio, o telégrafo sem fio e o transmissor de ondas. Os meios científicos e a imprensa local lhe reconheceram o êxito, enquanto o governo de Tio Sam, após criteriosos exames, lhe concedeu as patentes de nº 771 917, de 11/10/1904, relativa ao transmissor de ondas, e de nºs 775 337 e 775 846, ambas de 22/11/1904, respectivamente para o telefone sem fio e para o telégrafo sem fio.

Como simples lenitivo, talvez, para tantos sacrifícios e incompreensões de que fora vítima em nosso país, Landell de Moura levava em sua bagagem uma patente brasileira sob nº 3279, conseguida em 1900, “para um aparelho apropriado à transmissão da palavra à distância, com ou sem fio, através do espaço, da terra e da água”.

Tendo escrito uma monografia singular em torno do legado científico e da vida do padre Landell de Moura, o poeta, ficcionista e teatrólogo rio-grandino Ernani Fornari (1899/1964) dirá a propósito e com muita convicção: “Essas experiências, algumas das quais levadas a efeito com a finalidade de interessar as autoridades e conseguir financiadores para o aperfeiçoamento e exploração industrial de seu

invento, tiveram lugar na capital paulista, do alto da Avenida Paulista ao alto de Santana, numa distância aproximada de oito quilômetros em linha reta, mais de um ano antes, portanto, da primeira e elementaríssima experiência realizada, por intermédio das ondas hertzianas, por Guilherme Marconi, em Pontecchio, perto de Bolonha, na primavera de 1895, e cerca de seis anos antes de seu primeiro radiograma...”

E na sua volta à pátria, encontraria o Padre Inventor o mesmo ambiente hostil que deixara anos antes? Sem dúvida, a situação era a mesma. Só não se repetiu a destruição total de seu laboratório e de seus equipamentos, como ocorrera em Campinas, ação desvairada de fanáticos que viam no bondoso e inspirado sacerdote “um louco, um bruxo, um feiticeiro perigoso, parte do demônio”, a exemplo de Bartolomeu Lourenço de Gusmão. O descaso com que foi acolhido pelas autoridades, cuja ignorância lhe impediu tivesse ele condições de continuar aqui suas experiências, levou-o à profunda frustração, restando-lhe apenas retornar, em definitivo, para sua ação pastoral até o dia de sua morte em 30 de junho de 1928, na terra natal. A Assembléia Legislativa reverenciou sua memória.

Entrevistado por um jornal porto-alegrense em novembro de 1924, o então cônego penitenciário Roberto Landell de Moura depôs sobre sua obra com estas palavras: “Deus serviu-se de minha humilde pessoa para levantar o véu que encobre os segredos da natureza, porquanto o sistema de radiotelegrafia, atualmente em uso, é baseado no princípio da superposição dos movimentos ondulatórios elétricos e na aplicação de uma lâmpada semelhante à lâmina de Crookes, de três electródios, um pouco modificada, e a qual serve tanto para transmitir quanto para receber mensagens telefônicas e telegráficas, sem fio condutor” (*Última Hora*, 3/11/24).

As comemorações do centenário de seu nascimento, em 1961, a que não faltou o apoio das colunas do **Correio do Povo**, permitiram que fosse levantado o véu sombrio que cobria sua glória póstuma. E as irradiações de seu gênio, que tanto ofuscaram as mediocridades de seu tempo, estão aí a refletir-se, soberbas, no reconhecimento da posteridade.

Em 1960, Ernani Fornari erigiu-lhe um monumento com as páginas vibrantes e seguras de **O Incrível Padre Landell de Moura**. Agora, um jovem pesquisador, o paulista B. Hamilton Almeida, com um meticoloso trabalho intitulado **O outro lado das telecomunicações: a saga do Padre Landell de Moura**, acende-lhe uma chama votiva, a que sempre fazem jús os espíritos superiores como Bartolomeu Lourenço de Gusmão, Irineu Evangelista de Souza e Roberto Landell de Moura.

(De Letras & Livros, supl. do “Correio do Povo”, Porto Alegre, 22-10-1983).